



ARTIGOS – ARTICLES

Os três mosqueteiros daqui

Amado Luiz Cervo¹
Universidade de Brasília
amado.l.cervo@gmail.com

Como citar este artigo: CERVO, A. L. “Os Três Mosqueteiros daqui”, *Intelligere, Revista de História Intelectual*, n°15, pp. 1-7. 2023. Disponível em <<http://revistas.usp.br/revistaintelligere>>. Acesso em dd/mm/aaaa.

Introdução

Pedimos permissão a Alexandre Dumas. Com efeito, seu famoso romance histórico, publicado em 1844, serve-nos de inspiração. Colado à história da França, *Os Três Mosqueteiros*, Athos, Porthos e Aramis, usam sua espada, implacáveis, a serviço do rei. A eles associou-se, mais tarde, D’Artagnan, um pobre chegado a Paris. O mais importante, contudo, é a lição que se pode apreender com os três: o lema de vida. Lealdade, coragem, amizade, solidariedade. “Um por todos! Todos por um”! diziam.

Nelson Gonçalves Gomes, Estevão Chaves de Rezende Martins e Amado Luiz Cervo, em 1977, foram apelidados “os três mosqueteiros” pelo colega, Alisson Mascarenhas Vaz, do antigo Departamento de Filosofia, Geografia e História da Universidade de Brasília, onde os quatro lecionavam. O apelido colou. Estendeu-se a familiares e amigos. Com efeito, as famílias dos três assumiram o dito, amigos também, desde 1977. Os três são amigos até o presente, depois de mais de quarenta anos. Ainda se encontram em restaurantes, nas respectivas residências, até em viagens internacionais para participar de congressos acadêmicos. Como os três mosqueteiros de Dumas, uma amizade e uma lealdade duradouras, com a diferença de não se usar mais espada a serviço do rei.

¹ Amado L. Cervo é professor Emérito, aposentado, da Universidade de Brasília.

Esse texto focaliza Nelson Gonçalves Gomes. Sua vida, seu pensamento, sua obra. Julgamos conveniente, para entender o texto, alongar-se um pouco mais sobre a vida dos três mosqueteiros daqui. Nelson e Estevão concluíram, ambos, seu doutorado, na Universidade de Munique, com o mesmo orientador, Wolfgang Röd; Nelson em 1975, Estevão em 1976. Amado concluiu o seu do outro lado do rio Reno, na Universidade de Estrasburgo, a linda cidade alsaciana, em 1970. Em 1976 ou 1977, os três foram admitidos como professores na Universidade de Brasília. O Reitor da época tomou a decisão de contratar apenas doutores, na medida do possível, com a finalidade de fazer de sua Universidade uma instituição de ponta no país. Assim, encontraram-se os três. Eles sempre confessaram que ensinavam com dedicação e alegria. Eram felizes, trabalhando. De acordo com um lema de vida seguido pelos três: trabalhar muito, viajar muito, divertir-se muito. Ao consultar seus Currícula junto ao CNPq, ficaremos convencidos de que o lema é comum.

A inclinação comum dos três pela História, cada um em sua área de ensino e pesquisa, foi precoce. Estevão voltou-se para Teoria da História e metodologia científica; Nelson, para Introdução à Filosofia e Lógica, Amado, para História das Relações Internacionais. Os três eram dinâmicos: promoviam seminários, convidavam professores brasileiros e estrangeiros como conferencistas, viajavam para participar de congressos, seminários e conferências, com o fim de observar os temas sobre os quais colegas do mundo trabalham, como também o modo como desenvolviam suas pesquisas e ensinavam. E o modo como se relacionam com os alunos. Com a ideia de que deles também o mestre aprende. Tudo isso contribuiu para fazer da vida profissional uma atividade agradável, produtiva, exitosa, em suma, fazer da vida uma vida feliz.

Nelson Gonçalves Gomes, professor

Nelson concentrou sua vida acadêmica no ensino. Uma boa escolha, por certo, para quem a dedicaria ao ensino da filosofia e da lógica. Seu perfil acadêmico sempre foi o perfil do professor, opção e espelho de sua atividade

na Universidade. Como vimos, também soube sair da sala de aula para voltar-se a outras atividades. Mas essas outras atividades serviam a seu propósito condutor: ser bom professor.

Confessou-me Nelson numa entrevista por escrito sua mais nobre opção profissional: “A minha vida profissional alcançou realização máxima na sala de aula. Sem falsa modéstia, posso dizer que a atividade docente sempre foi o que de melhor eu soube fazer. Os meus cursos foram minuciosamente projetados. Tudo o que os alunos me entregavam, foi lido com atenção. Cada aula foi preparada profissionalmente e dada com habilidade histriônica. O epicentro de minha vida como professor foi o ensino”.

O depoimento de ex-alunos reforça o sentido de vida que elegeu o professor. Não apenas ensinava. Ensinava a pensar, raciocinar, assimilar valores e incorporá-los à vida. Mestre no pleno sentido: penetrar a alma dos alunos e depositar nela lições de vida. Por exemplo, a dúvida. Pensar para que? Perguntava-se Nelson. E respondia: para controlar o sentimento derivado do instinto, por exemplo. Trazia o pensamento de grandes filósofos, como Sócrates, Platão, Kant, não apenas para ensinar, mas para algo mais: filosofia é parte da vida, eis o legado do professor. E entusiasmava seus alunos com esse traço profissional. Alguns iam procurar outras disciplinas filosóficas para enriquecer sua formação.

Exponho o depoimento de uma ex-aluna, transmitido por meio de entrevista que gentilmente me concedeu, por escrito, muitos anos depois de concluir o curso de formação na Universidade. Refiro-me ao depoimento de Olinta Dopcke. Assim expressou-se ela: “Anos mais tarde, fui fazer uma limpeza nos meus cadernos e anotações. Vi que as páginas dos cadernos de Filosofia, dos cursos dele (Nelson), estavam cheias dos seus ensinamentos. Ainda os tenho, não podia simplesmente jogá-los no lixo. São para a vida toda. E não apenas para o que consegui anotar. Um privilégio ter sido sua aluna”. Por esse depoimento da aluna, observamos que o pensamento do professor era abstrato, porém colado à existência humana, à vida. Diríamos: como o Condor dos Andes, andava pelas alturas do céu, porém com os olhos focando o chão.

O perfil do pensador Nelson

O pensamento de Nelson Gonçalves Gomes tomou forma com base em notável experiência de ensino em várias Universidades, tanto brasileiras quanto de outros países. As leituras de outros pensadores contribuíram, de modo positivo, para a florescência e o amadurecimento do pensamento pessoal. Homem viajado! Com efeito, Nelson lia textos escritos, por muitos outros pensadores, em vários idiomas, como alemão, grego, inglês, espanhol, francês, italiano e latim. Essas fontes de inspiração e instrução de seu pensamento foram múltiplas e selecionadas como convém a quem pretende dominar o conhecimento em sua área de atuação no ensino. Ou seja, o bom professor está sempre aprendendo. Desse modo, seu evoluiu seu pensamento e acabou se expressando, enfim, em suas publicações.

As publicações evidenciam a complexidade de aspectos do pensamento filosófico com os quais lidou, ao buscar fontes de instrução. Compreendem, em primeiro lugar, quinze artigos em periódicos acadêmicos. Todos referentes a sua área de atuação como professor de filosofia da Universidade de Brasília. O autor, portanto, amadureceu o conteúdo do ensino, observando como os outros profissionais da área exercem a atividade e como pensam. Lendo seus textos e dialogando com eles.

Três livros publicados, escritos ou organizados por Nelson, referem-se à linguagem, ou à filosofia de Hegel e de Moritz Schlick. Ademais, a experiência de pesquisador do pensamento filosófico resultou em outros dezoito capítulos de livros publicados. Neles desvela um horizonte extenso de análise, que percorreu em seu exercício profissional. Sempre com o foco no conteúdo do ensino que ministrava, mas com mente aberta ao que outros colegas de profissão pensam, ao escreverem e lecionarem em suas respectivas universidades.

As facetas do rico pensamento filosófico de Nelson revelam a abrangência e o domínio de seu pensamento sobre aspectos essenciais da existência humana. Até parece que nada lhe deve escapar!

Ao mesmo tempo em que visita o mundo do saber, Nelson escreve e ensina sobre o que reflete acerca da vida humana, da existência humana. Desse modo, visita a História do homem através de séculos e milênios. Não deixa de

lado a preocupação metodológica de como aprender, como pensar, como ensinar e como escrever. Felizes seus alunos! Eles ouvem a crítica da própria lógica. Nada existe de estanque, parado; tudo evolui: nasce, cresce, se transforma, amadurece. O saber também. Isso observou Nelson ao escrever sobre outros pensadores. Os do Círculo de Viena, por exemplo. Como conversavam, dialogavam, corrigiam e robusteciam pela reflexão e pela observação o próprio pensar?

Nelson voa pelo mundo do pensamento. Mas não fica nas alturas. Desce até os humanos e perscruta seus sentimentos e ideias. Penetra o âmago, a alma do homem, em todas as suas variadas manifestações atuais. Isso aprendemos, se não pelas aulas como seus alunos, pelas leituras de suas publicações. Por exemplo: que relação existe entre o sentimento e a razão; a melancolia e a razão? Que relação existe entre a lógica e a ética? É bom imaginar uma humanidade com essa filosofia de vida – pensar no que faz, se tem razão - antes de deixar-se comandar pelo simples sentimento. Nelson ensina a pensar em uma humanidade humanizada por inteiro. Lição do mestre.

O que encontramos de mais notável, portanto, no pensamento de nosso filósofo, é, por certo, a capacidade de pensar abstratamente e aplicar a lição aos humanos e a seu comportamento. Quem foi capaz disso, com tamanha desenvoltura?

Conhecido por sua capacidade profissional, Nelson foi convidado por muitas instituições para integrar comitês assessores na área de filosofia. Foi honrado pelo CNPq e pela Capes, integrando seus comitês. Diversas universidades, a começar pela própria Universidade de Brasília, também o convidaram para membro de comitês de filosofia. Também no exterior, como em Lisboa e no Porto, universidades o tiveram como assessor. Organizações científicas ou associações acadêmicas não descuraram a contribuição do professor Nelson em sua direção. Tudo, em resumo, contribui para enaltecer o mérito de seu pensamento e de sua atividade profissional.

Divulgação global do pensamento

Ao participar de congressos científicos, promovidos, sobretudo, por organizações acadêmicas nacionais e internacionais, Nelson semeava seu

pensamento. Participou como ouvinte desse tipo de seminários, porém sempre costumava proferir sua própria conferência. Ademais, organizou seminários na Universidade de Brasília, para o qual convidou até seu velho orientador de Munique.

Nessas Conferências das quais participava, a palavra de Nelson alcançava colegas e professores de muitas partes do globo, que ouviam com atenção o filósofo da UnB. Assim divulgava ele, por outro meio, seu seguro e forte pensamento.

Discorreu sobre a relação entre normas e valores, sobre natureza, cultura e felicidade, sobre o que é moral e o que é obrigação moral; sobre o que existe além da ética, a relação entre moral e argumentação, que significa o terrorismo, o utilitarismo. Esses temas dão uma ideia da abrangência do pensamento de Nelson e de sua proximidade com a existência e o comportamento humanos. Mas seu pensamento também andava pela filosofia pura e aplicada. Que significa metafísica analítica, filosofia acadêmica, qual a responsabilidade de um diálogo, em que consiste a lógica da racionalidade, que é natureza humana? Quem não apreciaria pensar nesses temas, ou mesmo ouvir um entendido discorrer sobre eles?

Uma relação especial intrigava nosso pensador: a relação entre direito e vida humana. Por isso, escrevia e falava, perguntando-se pelo que é um código, pela relação entre direito e instituições, entre direito e ética; perguntava-se até mesmo sobre a relação entre ética e responsabilidade no trabalho, enfim, entre a ética e ciência, entre a filosofia e o pensamento político. Como se percebe, o pensamento de Nelson subia às alturas, mas estava sempre com os pés no chão. Parece que só ele mesmo sabe como isso é possível. Pelos menos, uma lição fácil se aprende: pensar para viver e agir.

Além de estabelecer tais relações entre o pensar e o viver concretamente, apreciava Nelson subir novamente ao abstrato da sua mente. E se perguntava, então, pelo significado da racionalidade particularista, pela lógica do diálogo moral, pelos problemas éticos que ocupam as mentes.

Por vezes ensaia Nelson a futurologia; ao pensar e discorrer sobre mundos possíveis onde se viver, sobre os problemas éticos da atualidade, a filosofia da atualidade, em particular a filosofia alemã – a grandiosa filosofia alemã – e a evolução do modo de pensar em nossos dias.

O retrato do pensamento de Nelson é complexo, somos chamados a reconhecer. Mas é a filosofia que espalhou sobre a humanidade e que nos deixou como legado intelectual. No âmago do abstrato, no íntimo da existência humana. Admirável mundo do pensamento!

Conclusão

Voltamos aos três mosqueteiros daqui. Acerca deles, escreveu Nelson, em entrevista que nos concedeu por escrito, no início de 2022, recordando quarenta anos de convivência: “Brasília era novidade para os três, o que nos levou a explorá-la. Com frequência, nos fins de semana, íamos juntos aos lugares de diversão da cidade. Frequentávamos cinemas, teatros, restaurantes e festas. Conhecemos pessoas do mundo social e político. Esse convívio descontraído e amigável entre Amado, Estevão e mim, felizmente, existe até hoje. Ainda na década de 1970, de modo natural, ele estendeu-se às nossas famílias e a vários de nossos amigos, o que nos deu e dá oportunidade para encontros regulares da melhor qualidade”.

Esse foi o lema dos três daqui: trabalhar muito, viajar muito, divertir-se muito. Diferente do lema dos três mosqueteiros de Dumas, embora comum, sob determinado aspecto. Trabalhávamos muito para garantir nossa responsabilidade e nosso sucesso profissional; viajávamos muito para conhecer o trabalho de outros colegas profissionais e para levar-lhes o nosso; também para comer, beber e passear na rua, como diz a canção portuguesa. Divertimo-nos muito: misturando churrasco aqui, feijoada ali, chucrute acolá, com risadas, cerveja, caipirinha, vinho. Misturando com filosofia, amizade, História e teoria.

Nada temos a lamentar de nossas vidas. Somos felizes com as opções existenciais que fizemos. Fariamos por certo tudo da mesma forma, se nos fosse dado começar de novo.